

## Xerém

Sei que tenho um filme em mãos. Sei que estou a documentar a minha vida em tempo real. São 15h34. É outra vez o D.K. que está a cozinhar... Ainda não cozinhei... Domingo vou ter de vestir o nosso avental e vou cozinhar... Trouxe da Villa dos Piratas uma receita de hambúrguer vegan e de queijo vegan... Vou tentar fazer... Foi a receita que me deu a ideia para abrimos os concursos de hambúrgueres vegan na Agenda Jupiter. Gostava de ver um programa de culinária no Kanal Jupiter. Estamos a cozinhar a dançar. O D.K. não está a dançar, mas eu estou a dançar enquanto escrevo. Apetece-me esconder receitas nos livros da Jupiter Editions. Apetece-me cozinhar, inventar a escrever receitas e a guardar segredos e ingredientes nos livros. O D.K. é o melhor cozinheiro do mundo! É também o melhor pasteleiro do mundo! Fez ontem um maravilhoso prato algarvio. Foi uma surpresa! Fez xerém. “Roubámos” a receita da casa do Príncipe dos Algarves, quando eu estava alojado no quartinho de salva-vidas da Villa dos Piratas e o D.K. veio-me visitar num fim-de-semana. Gostava de estar com o D.K. com ele ali a cozinhar. Mas tenho um grande filme nas boas, não posso deixar o filme morrer. Mas mesmo que me deixasse o filme morrer, o nosso amor não morreria. O nosso amor está fora do filme. O nosso amor não é um filme. Fazemos dele partes de filme. Mas o nosso amor não é filmado. O nosso amor não é nenhum produto de cinema. O que eu filmo do nosso amor, é com os olhos. Filmo tudo com os meus olhos. Encostei-me à parede que segura a porta da nossa casa, temos a porta aberta, está um solzinho muito fixe... E fiquei ali com a minha cabeça encostada à parede ao Sol a ver o D.K. com a frigideira a passar no fogão... Tinha os tomates na frigideira... Só me apetecia ficar ali preso para sempre... Às vezes sinto-me uma árvore. Era capaz de ficar imóvel durante horas, desde que a paisagem fosse bonita e me alimentasse o espírito ou que o cenário fosse um cenário digno. Deram-nos uma casa digna. Vivemos, finalmente, numa casa digna. É pequenina, mas é tão fixe, tão fixe, tão fixe. Eu adoro! Só me apetece comprar os móveis com o D.K. que nunca pude comprar. Vivi sempre com as mobílias arrendadas. Vivi sempre em quartos arrendadas.

Gosto muito desta casa, mas já sei que não me posso apegar a ela. Porque a qualquer momento podemos ter de sair. Se eu não arranjar um emprego o D.K. vai ter de ir para a residência dos médicos e eu vou ter de voltar para casa. Parece que querem separar O Algoritmo do Amor... Parece que querem “lançar mais um feitiço” a’O *Algoritmo do Amor*... Mas o que “eles” não sabem, é que nós já há muito que nos separámos d’O *Algoritmo do Amor*. Apenas escondi uma parte do nosso namoro n’O *Algoritmo do Amor* através de outras personagens. Tive de inventar todo um teatro de personagens. Mas a nossa história também foi escondida pela Mão Invisível n’O Deus Tecnológico de Simão Roncon-Oom e em 2080 de Antoine Canary-Wharf. Pelo menos, até 2080 sabemos que vamos estar vivos. Queremos estar vivos com muita saúde e com os ossos e com o cérebro no sítio em 2080... Há médicos que dizem que nós vivemos demasiado. Ouvi num documentário, médicos, imbecis que não deviam ser mais médicos, a dizerem que nós vivemos demasiado e que querem montar uma Loja do Corpo Humano. Odeio-os! Odeio-os! Odeio-os a eles tanto como odeio a Biblioteca de Almas do professor pseudo-físico Michio Kaku. Não gosto do Kaku. Quero lá saber que ele seja um físico conceituado. Para mim é um pseudo-físico. Um físico que não consegue ver a físicas das coisas e mete os outros a acreditarem em fantásticos mundos paralelos, quando podia ficar-se só pela fantasia, é um pseudo-físico. Não é um físico a sério. Não sei o que Isaac Newton diz sobre o assunto, mas sei que se ele calculasse O *Algoritmo do Amor* ia ver que ia dar o Número Pi. Já são 15h54. Estou a escrever muito devagarinho, pareço uma tartaruga... Tenho de me despachar a escrever isto...

Adorei falar com a minha mãe ao telefone. Vi que ela estava muito feliz! Não sei se a mãe já leu ou não a carta que eu lhe deixei na Jupiter Editions... A mãe ainda não sabia que a primeira árvore que temos logo à entrada do nosso portão é uma anoneira... [«Lembras-te meu filho que no Jogo das Árvores a mãe era sempre uma anoneira?»]; «Lembro-me, mãe.»; «E lembras-te das anonas que a mãe te comprava com o pouco dinheirinho que a mãe conseguia tirar da carteira do pai...?»; «Lembro-me minha mãe!»; «Se a mãe dissesse que o dinheiro era para as anonas, o pai não ia dar... Ia dizer para comprar maçãs ou laranjas, que era mais barato... Dizia sempre que não tinha dinheiro... Mas a mãe ia lá à carteira e encontrava sempre uma notinha... Com essa notinha a mãe comprava-te anonas, papais, mangas... Tu gostavas tanto de mangas... Deixaste de comer?»; «Por acaso, já não como a algum tempo... O D.K. comprou uma papaia... Só comemos metade... Ainda temos metade da papaia para comer... E também temos kiwis...»; «Mas a anoneira já deu anonas?»; «Acho que já deu... Dá poucas, mãe. O senhorio disse que só dá umas 5 ou 6...»; «Mas tu comias com um gosto as anonas, meu filho... A mãe comprava só por te ver a comer com o gosto todo que tu tinhas a comer... E que mais árvores têm?»; «Temos alfarrobas, limoeiros, temos aloé vera, temos alecrim, temos uma Árvore da Vida...»; «Vê lá, meu filho... As Árvores da Vida são muito importantes... Defendem as abelhas... Esse vosso alecrim chama as abelhas?»; «Chama, mãe... Está sempre cheio de abelhas... Adoro! Adoro a nossa casinha...»; «E o senhorio?»; «É muito fixe, mãe! Impecável... Tem o filho também em Medicina...»; «E ele costuma ir aí a casa?»; «Costuma entrar aos fins de semana com o trator só para trabalhar na terra, mas é tranquilo... Entra e sai só de vez em quando e umas horinhas aos fins de semana...»; «Boa, meu filho! Fico tão contente! Estás muito feliz, não é?»; «Sim, mãe...»; «E o D.K., está a gostar de psiquiatria?»; «Sim... Mas acho que o primeiro dia foi logo um bocadinho hard core... Mas ele tá a gostar muito. Sai cedo. Está a ser muito tranquilo...»; «E vocês têm ido a Faro passear?»; «Agora tenho estado mais por casa, o D.K. vai e volta... Estamos mais por casa, também para não andarmos a gastar gasolina...»; «Pois, filho... Sejam poupados... Não gastem... Poupem... Guardem o vosso dinheiro... A mãe gostava tanto de ir aí já este fim de semana...»; «Deixe-me só ver se eu consigo primeiro arranjar um emprego, mamã... Deixe ver como é que isto vai ser... Se depois correr tudo bem eu depois mando as passagens do Expresso para a mãe, a mãe vem de expresso e nós depois vamos buscá-la à estação e passa um fim de semana connosco...»; «Combinado, eu amo-te meu filho!»; «Eu amo-te, minha mãe!»; «Obrigado, meu filho pela tua chamada. Fiquem os dois bem! Beijinhos para o D.K.»] 16h16 20/01/2022

Contei à mãe sobre o xerém.